CADERNOS AH!

#24

HUMANISMO CRIMINOSO

GRUPO SURREALISTA DE PARIS

Humanismo Criminoso
Grupo Surrealista de Paris

Tradução: Fernando Ramalho
Paginação: Fernando Ramalho
Origem do texto: AAVV; Nancy Cunard (ed.), *Negro Anthology (1931-1933),* Londres, 1934. O presente texto foi incluído nesta antologia com tradução de Samuel Beckett, versão a partir da quel se fez esta tradução para português.
Imagem da capa: Man Ray, 1933.

O Grupo Surrealista de Paris foi um colectivo de artistas organizado em Paris a partir dos anos 1920.

Outubro de 2024

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

Ao longo de séculos, os soldados, padres e agentes civis do imperialismo, num rolo compressor de saques, humilhações e assassinatos em massa, enriqueceram impunemente às custas das raças colonizadas. Agora vêm os demagogos, com o seu liberalismo contrafeito.

Mas o proletariado de hoje, metropolitano ou colonial, já não se deixa enganar por palavras bonitas sobre o verdadeiro objectivo, que ainda é, como sempre foi, a exploração da maioria em benefício de uns poucos traficantes de escravos. Hoje, esses negreiros, conscientes de que têm os dias contados e do destino do seu sistema na crise mundial, lançam mão de um evangelho da misericórdia, ao mesmo

tempo que, na prática, apostam mais do que nunca nos seus métodos tradicionais de repressão para impor a sua tirania. Não é preciso grande perspicácia para ler nas entrelinhas das notícias, impressas ou no ecrã: expedições punitivas, negros linchados na América, o flagelo branco devastando cidades e campos nos nossos reinos parlamentares e repúblicas burguesas.

A guerra, essa eterna peste colonial, ganha hoje um novo impulso em nome da «pacificação». A França bem pode orgulhar-se de ter lançado esse eufemismo de inspiração divina no preciso momento em que, pelo meio de espasmos de pacifismo, mobilizou os seus experientes bandidos de confiança e lhes deu instruções para saquearem todos aqueles povos distantes e indefesos, dos quais a carnificina intercapitalista desviara a sua atenção por uns tempos. A mais escandalosa dessas guerras, a que foi lançada contra os rifenhos em 1925, levou vários intelectuais, investidores no militarismo, a afirmar sua cumplicidade com os carrascos do chauvinismo e do capital.

Respondendo ao apelo do Partido Comunista, protestámos contra a guerra em Marrocos e tomámos posição no manifesto *La Révolution d'abord et toujours!*

Numa França grotescamente inflada por ter desmembrado a Europa, dizimado África, poluído a Oceânia e de-

vastado vastas regiões da Ásia, nós, os surrealistas, declaramo-nos empenhados em transformar a guerra imperialista, na sua forma crónica e colonial, numa guerra civil. Assim, colocamos as nossas energias ao serviço da revolução – do proletariado e das suas lutas – e definimos o nosso posicionamento face ao problema colonial, e portanto à questão racial.

Longe vão os tempos em que os representantes desse capitalismo lamuriento se podiam esconder por detrás daquelas abstracções que, no plano secular ou religioso, se inspiravam invariavelmente na ignomínia cristã e que, pelos motivos mais grosseiramente interesseiros, se empenhavam em mortificar qualquer povo ainda não contaminado pelos sórdidos códigos morais e religiosos através dos quais os homens fingem legitimar a exploração dos seus semelhantes.

Quando povos inteiros foram dizimados pelo fogo e pela espada, tornou-se necessário reunir os sobreviventes e domesticá-los num culto do trabalho que não derivava senão das noções de pecado original e expiação.

Os clérigos e os filantropos profissionais sempre colaboraram com o exército nessa exploração sangrenta. A máquina colonial, extractora até ao ínfimo dos recursos naturais, opera com o alegre ritmo de um machado. O homem branco prega, medica, vacina, assassina e recebe (de si mes-

mo) a absolvição. Com os seus salmos, os seus discursos, as suas garantias de liberdade, igualdade e fraternidade, tenta abafar o som das suas metralhadoras. Não adianta contrapor que esses períodos de rapina são apenas uma fase necessária para abrir caminho, segundo a famosa formulação, «a uma era de prosperidade fundada numa colaboração estreita e inteligente entre os nativos e a metrópole»! Não adianta tentar disfarçar o ultraje colectivo e a carnificina legal nas novas colónias, justificando-os com a paz e a prosperidade de que há tanto tempo gozam as antigas. Não adianta a bravata sobre as Antilhas e a «feliz evolução» que lhes permitiu serem assimiladas, ou quase, pela França.

Nas Antilhas, como na América, a festa começou com o extermínio total dos nativos, ainda que estes tenham proporcionado uma recepção bastante cordial aos invasores de Colombo. Iriam agora – na hora da vitória e tendo chegado tão longe – regressar a casa de mãos a abanar? Nunca! Navegaram então até África e sequestraram homens que, ao tempo, foram promovidos pelos nossos humanistas às fileiras da escravatura, mas mais ou menos poupados ao sadismo dos seus senhores, por representarem um capital que tinha de ser protegido como qualquer outro capital. Os seus descendentes, há muito reduzidos à miséria (nas Antilhas Francesas vivem de vegetais e bacalhau salgado e vestem velhas sacas

de adubo que têm o engenho de roubar), constituem um proletariado negro cujas condições de vida são ainda mais miseráveis do que as de seu equivalente europeu e que é explorado por uma burguesia de cor tão feroz quanto qualquer outra. Essa burguesia, a coberto das metralhadoras da cultura, «elege» como representantes perfeitamente adequados os senhores Diagne «Trabalho Forçado» ou Delmont «Vigarista».

Os intelectuais dessa nova burguesia, ainda que nem todos especialistas no abuso parlamentar, não são melhores do que os peritos quando proclamam a sua devoção ao Espírito. O valor desse idealismo é-nos dado precisamente pelas manobras dos seus doutrinadores que, no seu confortável paraíso de iniquidade, organizaram um sistema de cobardia à prova de todas as necessidades da vida e das mais urgentes consequências do sonho. Esses senhores, devotos de cadáveres e teosofias, enterram-se no passado, desaparecem pelos labirintos dos mosteiros himalaicos. Mesmo para aqueles a quem alguns derradeiros resquícios de vergonha e inteligência dissuadem de invocar as religiões dominantes, cujo Deus é, em bom rigor, um Deus do dinheiro, sempre resta o apelo de algum «místico Oriente» ou algo do género. Os nossos valentes marinheiros, polícias e agentes do pensamento imperialista, em aliança com o ópio e a literatura, inundaram-

-nos com as suas divagações nostálgicas. A função de todos esses rebates idílicos entre mortos e desaparecidos é distrair-nos do presente, das abominações do presente.

Uma internacional de hipócritas armados em santos deplora o progresso material impingido aos negros. Protesta educadamente contra a importação, não apenas de álcool, sífilis e artilharia de campanha, mas também de ferrovias e da imprensa. Isto acontece muito depois das antigas alegrias do seu espírito evangélico face à convicção de que a familiaridade forçada com bebidas fermentadas, armas de fogo e doenças resultaria naturalmente numa assimilação dos «valores espirituais» vigentes nas sociedades capitalistas, especialmente o respeito pela vida humana e pela propriedade. Seria redundante acrescentar que o colonizador exige esse respeito pela propriedade sem reciprocidade. Aqueles negros que foram compelidos a distorcer, nos termos do jazz da moda, a expressão natural da sua alegria por se verem parceiros de um universo do qual os povos ocidentais se retiraram voluntariamente podem dar-se por satisfeitos por não terem sofrido algo pior do que a degradação. O século XVIII não derivou em nada da China além de um repertório de frivolidades para adornar alcovas. Da mesma forma, o objectivo de todo o nosso exotismo romântico e do moderno desejo de viajar não serve senão para entreter aquela camada de clientes *blasés*, suficientemente argutos para perceberem o interesse de desviarem a seu favor o fluxo de energias que, mais cedo do que imaginam, se fechará sobre as suas cabeças.

André Breton, Roger Caillois, René Char, René Crevel, Paul Eluard, J-M Monnerot, Benjamin Péret, Yves Tanguy, André Thirion, Pierre Unik, Pierre Yoyotte, 1932.

AH!
Associação Mural Sonoro
Cç. Santana, 169
1150-303 Lisboa